

A FORMAÇÃO DE PROFESSORES DE EDUCAÇÃO INFANTIL E AS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM

Cellyneude de Souza Fernandes¹
Viviane Gomes Rodrigues²

INTRODUÇÃO

O presente artigo se propõe a entender a concepção que as professoras de educação infantil de uma escola da rede pública municipal de Reriutaba têm, sobre as dificuldades de aprendizagem. Saber como se dá a formação desses profissionais e como atuam no atendimento à essas crianças.

Os alunos com dificuldades de aprendizagem exigem de seus professores um olhar diferenciado dos demais alunos. A Psicologia do Desenvolvimento tem como papel fundamental auxiliar nas metodologias a serem utilizadas no processo ensino-aprendizagem das crianças que apresentam dificuldades. Se por um lado está preparado e capacitado contribui significativamente para o trabalho com o público abordado; por outro, a falta de insumos básicos, espaço físico adequado e materiais pedagógicos apropriados são fatores que dificultam e na maioria das vezes impossibilita que o processo ensino- aprendizagem aconteça de forma satisfatória.

METODOLOGIA (OU MATERIAIS E MÉTODOS)

Esta é uma pesquisa descritiva de abordagem qualitativa realizada em uma escola pública de educação infantil nem uma cidade no interior do Ceará. Para Godoy (1995), a pesquisa qualitativa não procura medir e nem enumerar os eventos estudados, nem empregar instrumentos estatísticos na análise dos dados. Está envolve a obtenção de dados, descritivos com a situação estudada, tendo assim, compreender os fatos, levantando em conta a perspectiva dos envolvidos no estudo.

Foram aplicados nove questionários constituídos de dez questões abertas com as professoras da educação infantil. Optou-se por construir as categorias de análise a priori (BARDIN, 1977). Os questionários foram entregues as professoras as mesmas responderam e devolveram em seguida. O questionário, segundo Gil (1999, p.128), pode ser definido “como a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc.”.

A partir das informações coletadas e com as categorias de análise já construídas iniciou-se com as análises dos dados.

¹ Pós-Graduanda do Curso de Pós-Graduação em psicopedagogia do Centro Universitário UNINTA, cellyneudefernandes@email.com;

² Pós-Graduanda do Curso de Pós-Graduação em psicopedagogia do Centro Universitário UNINTA, vivi02rodrigues@gmail.com.

DESENVOLVIMENTO

O processo de ensino e aprendizagem requer dedicação, atenção e compreensão, mas nem sempre a totalidade de alunos de uma sala segue o mesmo ritmo e apresentam dificuldades. Geralmente é na escola que são percebidas as dificuldades de aprendizagem, pois são esperadas que para cada faixa etária, as habilidades e competências propostas sejam alcançadas, quando isso não ocorre, é um sinal de alerta, de que algo não está bem e deve ser investigado. Correia (2004) afirma que a compreensão do que venha a ser as dificuldades de aprendizagem surgiu da necessidade de entender a razão pela qual alguns alunos, ditos normais, apresentavam diariamente insucesso escolar especificamente na leitura, escrita e cálculo.

Poucos casos são percebidos pela família, pois na maioria das vezes, essa parece ignorar o assunto ou não aceita que seu filho tenha dificuldade de aprendizagem e que precisa de ajuda de uma equipe multidisciplinar, algumas crianças acabam não sendo ajudadas por conta da não aceitação por parte da família.

Nas universidades pouco se discute sobre as dificuldades de aprendizagem, são ofertadas poucas disciplinas e de forma muito sucinta. Os professores na maioria dos casos, não sentem aptos a perceber que uma criança apresenta dificuldades de aprendizagem. A formação continuada por sua vez, não contempla as dificuldades de aprendizagem tal como necessário, são abordados assuntos referentes aos conteúdos, habilidades e competências que devem ser aprendidos, mas as necessidades de aprendizagem não tem uma atenção diferenciada como deveria, visto que nos dias de hoje, é cada vez maior o número de crianças que são acometidas por dificuldades ou transtornos.

Quando o educador busca se capacitar, ele abre espaço para novas metodologias educacionais e com isso dá um novo significado as suas práticas escolares. Segundo Romanowski (2010, p. 184) “reconhecer que a formação pode contribuir para a melhoria da educação significa compreender a importância da profissionalização dos professores”. O professor que busca a constante evolução das suas competências desenvolve aulas mais dinâmicas ao transmitir o conteúdo, maior engajamento dos alunos em atividades de aprendizagem, detecção mais fácil das dificuldades de aprendizagem e construção de novas estratégias para contorná-las.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Entre os professores que responderam aos questionários (100%) são do sexo feminino com idade entre 28 e 55 anos, que atuam em regime de trabalho variando entre vinte e quarenta horas/aula semanais. Possuem tempo de docência entre 4 e 35 anos, sendo predominante a faixa acima de 13 anos de docência. Todos os docentes possuem ensino superior completo, no entanto desses 6 (66,6%) fizeram pedagogia, 2 (22,2%) Língua Portuguesa e 1 (11,1%) Biologia. Vale ressaltar que as professoras que não possuem formação em pedagogia são aquelas com tempo de docência superior a 13 anos e que fizeram concurso em editais que não exigiam tal formação. Dos 9 professores, 8 já fizeram pós-graduação em nível de especialização. Os sujeitos pesquisados atuam em outras instituições de ensino em horários alternativos e por vezes precisam se deslocar para outras cidades. Ao traçar o perfil das educadoras foi possível perceber que as mesmas de um modo geral são experientes, já estão na docência em média a 17 anos, logo carregam consigo conhecimentos sobre sua prática profissional que posam contribuir com a pesquisa desenvolvida.

Formação docente

Quando questionado se a escola em que trabalham incentiva a participação em cursos voltados para sua área de atuação, dos nove professores pesquisados, seis relataram que a escola incentiva sim a participação em algum tipo de capacitação pedagógica e três relataram que o incentivo vem da secretaria de educação.

“[...] Sim, informando sobre cursos e escrevendo o professor quando possível [...]” (P6)

“[...] Sim, na medida do possível, pois não existe no município esses cursos e pra sair é bem mais difícil Informando sobre cursos e escrevendo o professor quando possível [...]” (P1)

“[...] Sim, quando a secretaria de educação oferta alguma formação a escola nos comunica [...]” (P7)

Quando questionados se nos últimos 24 meses participaram de alguma formação voltada para o assunto dificuldades de aprendizagem, sete (77,7%) responderam que não e 2 (22,2 %) disseram que sim .

“[...] Sim, recentemente participei de uma palestra sobre autismo e estou cursando psicopedagogia. (P7)

“Sim, pequenas palestras e formações fornecidas pelo município e também pagas particularmente por mim. (P9)

Em relação a terem estudado sobre as dificuldades de aprendizagem durante o curso de graduação 5 (55,5%) professoras responderam que sim e 4 (44,4%) professoras disseram que sim, no entanto não foi o suficiente.

Com relação a formação docente é possível inferir que as professoras são incentivadas a complementar sua formação e o fazem sempre que possível pois os cursos, palestras enfim o conhecimento sistematizado não é ofertado no município de forma frequente.

O professor e o trabalho docente com alunos com dificuldade de aprendizagem

Quando questionados se estariam aptos a identificar em sala de aula alunos com dificuldades de aprendizagem tivemos o seguinte resultado. Dos nove respondentes, sete (77,7%) disseram que sim e 2 (22,2%) que não.

“Sim , observando o comportamento de algumas crianças em relação as outras [...]” (P6)

“Sim, fiz psicopedagogia e consigo identificar alguns casos [...]” (P9)

“Não. Havendo assim necessidade de estudar mais profundo”.(P8)

“Não. Além dos alunos com necessidades especiais há também alunos com problemas de comportamento o que acaba dificultando distingui-los”.(P7)

De acordo com as professoras não há psicopedagogo na escola em que as mesmas trabalham, assim quando surge alguma demanda 7 (77,7%) das educadoras dizem fazer um relatório sobre a criança e encaminhar para o psicopedagogo do município. No entanto 2 professoras (22,2%) dizem resolver essa demanda com atenção, afeto e ajuda da família.

“Faço um relatório e entrego na direção da escola que encaminha a secretaria de educação do município para ser encaminhado ao psicopedagogo”.(P7)

“Tenho um aconchego diferenciado, fico mais junto, ajudando na melhor maneira que posso” (P5)

Para as professoras um aluno que apresenta distúrbio de aprendizagem e aquele com comportamento diferente dos colegas, que não consegue ter um rendimento escolar semelhante a seus pares (77,7%) e ha também as que atribuem a questões de ordem cognitiva (22,2%).

No tocante as causas dos distúrbios de aprendizagem 8 (88,8%) educadoras demonstraram algum conhecimento sobre o assunto e relatam que as causas poderiam ser de ordem, biológica, social ambiental, apenas 1 professora (11,1%) respondeu de forma a exemplificar os distúrbios e não a demonstrar compreensão sobre a temática.

“Muitas vezes fator biológicos, social em que a criança é inserida, fatores psicológicos.” (P3)

“Problemas na gestação, situação familiar, má formação neurológica .” (P7)

Apesar de existir uma aproximação das educadoras com a temática dificuldade de aprendizagem, foi possível perceber que o preparo pedagógico das mesmas precisa ser melhor trabalhado uma vez que há uma insegurança quanto ao assunto. A dificuldade de aprendizagem é uma realidade de sala de aula e quanto melhor os educadores estiverem preparados para lidar com o assunto melhor ser para a promoção do processo de ensino-aprendizagem dos alunos.

Escola inclusiva

Na visão de 8 (88,8%) professoras a escola em que as mesmas trabalham não esta preparada para receber crianças com dificuldade de aprendizagem, apenas uma professora relatou que a escola tem que receber todos os tipos de alunos.

De acordo com o que foi exposto é possível dizer que ainda é um desafio promover a inclusão nas escolas. Incluir no sentido de acolher e realmente dar condições do outro participar da educação que esta sendo proposta. Escolas despreparadas pedagogicamente e estruturalmente para receber crianças que precisam de uma atenção em relação ao seu processo de aprendizagem ainda é uma realidade e no interior ou cidades pequenas por vezes esse problema se acentua.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A capacitação profissional das professoras precisa ser fortalecida vislumbrando assim um atendimento de qualidade a todos os alunos e em especial aos que demandam um olhar mais atento para com seu processo de aprendizagem. Capacitar nossos educadores para uma educação inclusiva deve ser parte integrante do plano de ação da política educacional da escola. O direito a educação esses alunos já possuem o que precisa ocorrer é a efetiva garantia à igualdade de oportunidades de acesso e êxito escolar.

Palavras-chave: Educação, Conhecimento, Formação, Aprendizagem.

REFERÊNCIAS

BARDIN. L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Ed. Edições 70, 1977.

CORREIA, L. M. Problematização das dificuldades de aprendizagem nas necessidades educativas especiais. *Análise Psicológica*, Jun 2004, v.22, n.2, p.369-376.

GIL, A. C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GODOY, A.S. Pesquisa qualitativa: tipos fundamentais. *Revista de administração de empresas*. São Paulo, v.35, n.3, p. 20-29, maio/jun. 1995.

ROMANOWSKI, J. P. **Formação e profissionalização docente**. 4.ed.rev. Curitiba: IBEPEX, 2010.